O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3$540 réis — Semestre, 1$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Annuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida —Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3$000 réis— Semestre, 1$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 103 | **SEXTA-FEIRA 27 DE JUNHO DE 1862** | **SEGUNDO ANNO**

AVEIRO

POSTURAS MUNICIPAES

II

(Continuado n.º 99.)

Dissemos em terceiro logar, que a collecção de posturas impõe penas maiores e excedentes ás attribuições da camara, e para o provar apontaremos os artigos 43, 44, 47 e outros onde se impõe a pena de 24$000 rs. contra a expressa disposição do artigo 489 do Cod. Pen. Portuguez, segundo o qual as camaras municipaes não podem impôr maior pena que a de 20$000 rs.

Accresce que nos artigos 15, 17, 21, e outros, se mandam inutilisar os objectos apprehendidos, o que importa a sua perda, quando é expresso no § unico do citado artigo do Cod. Pen. = que a perda dos objectos e instrumentos apprehendidos em contravenção só póde ser pronunciada quando a lei especialmente a decretar.

Dissemos em quarto logar, que a collecção destroe o principio da divisão e independencia dos poderes administrativo e judicial sanccionada pelo artigo 145 § 11 da citada Carta Constitucional, por isso que a cada passo estabelece o maximo e minimo das penas, deixando a sua applicação dependente do arbitrio da camara!

De maneira que colloca o juiz (antes de proferir a sentença contra os transgressores) na dependencia e necessidade de ir consultar a camara sobre a quantidade da pena, em que ha de condemnar!

E assim os juizes eleitos das freguezias mais remotas do concelho, distantes da sua capital legua e meia, e duas leguas, antes de proferirem suas sentenças, hão de vir a esta cidade fazer reunir a camara legisladora, como oraculo para lhe explicar a lei e ensinar a dar a sentença?! E como hão de os juizes eleitos conciliar isto com a obrigação que lhes impõe o artigo 237 da Novis. Ref. Jud. de proferirem as sentenças no mesmo dia da discussão das causas?

Pelo que as posturas nesta parte, além de pôrem o podêr judicial dependente, e ás ordens do administrativo, obrigam-no a um impossivel e uma illegalidade, demorando as suas decisões, o que esta lei quiz evitar.

O artigo 23 da collecção diz assim = é prohibida a caça nos mezes de março, abril, e maio, sob pena de 3$000 rs.

A camara quiz fazer reviver as disposições da Ord. liv. 5.º tit. 88 e seus §§, cujas disposições reduziu a duas palavras, sem attender a que esta Ord. com justa rasão se acha em desuso, e alterada pela legislação novissima. Devemos notar que esta Ord. é uma lei penal, e as suas disposições devem hoje ser reguladas pelo Cod. Pen. Port., que no artigo 254 se limita a punir os que caçarem nos mezes, em que a caça for prohibida pelas posturas e regulamentos municipaes, ou por modo prohibido nestes. D'onde se segue, que as camaras podem prohibir ou não a caça e regular o seu exercicio nos concelhos ou logares, onde o interesse publico assim o exigir: e que hoje é livre caçar nos concelhos, onde as posturas e regulamentos o não prohibirem; o que importa a revogação ou alteração da Ord. pela citada lei novissima, que deixa este negocio ao livre arbitrio das camaras.

E' claro que o fim tanto da postura como da Ord. foi promover o augmento da caça; e por isso tudo se reduz a examinar se neste concelho ha ou não interesse publico na multiplicação da caça? Julgamos que a citada postura deve ser revogada; estabelecida assim a liberdade de caçar, como o meio de extinguir a caça, por assim o reclamar o interesse deste concelho. Já a citada Ord. § 3.º reconheceu, que o augmento da caça algumas vezes podia ser perjudicial, providenciando para esses casos; e com effeito a multiplicação de toda a especie de caça neste concelho é perjudicialissima á agricultura, e tanto que a citada collecção no artigo 25 o reconhece em parte, obrigando os chefes de familia a levarem á camara 12 cabeças de pardaes em cada anno. Seria ocioso mencionar as differentes especies de aves e animaes, que tanto damnificam as searas; por ser cousa reconhecida de todos.

A caça póde considerar-se como alimento, ou como objecto de recreio. Se a consideramos do primeiro modo é certo que neste concelho não ha caça interessante, e se alguma temos é a d'arribação, que não cria entre nós, e por isso inutil é prohibil-a nos mezes da creação. Se a consideração pelo lado do recreio, que della podem tirar alguns poucos caçadores, é certo que ao interesse destes não deve ser sacrificado o interesse geral da melhor fonte da nossa riqueza, qual é a agricultura.

(Continuar-se-ha.)

A reacção clerical é hoje um facto, que não pode negar-se, porque polulam de todos os lados os documentos e as provas dos seus manejos hostis ás instituições liberaes. Não a tememos tanto quanto deploramos os prejuizos futuros da exaltação dos animos, que estão adrede promovendo e que podem levar o paiz a uma conflagração geral.

Veja-se o que na quarta pagina d'este jornal com pezar reproduzimos extrahido dos nossos dois estimaveis collegas o *Viriato* e *Jornal do Porto*. E' a reacção promovendo escandalos na occasião em que se vão celebrar os mais augustos mysterios da nossa santa religião; é a reacção revoltando-se contra as auctoridades constituidas para sevar vinganças mesquinhas; é a reacção contrariando a sublime doutrina do evangelho, e fomentando a scisão e a desordem; é a reacção finalmente apregoando doutrinas subversivas da ordem publica, chamando o povo á revolta contra os poderes do estado, e ensinando no animo, não a mansidão e a brandura aconselhada por Christo, mas a guerra, o odio e as mais perigosas paixões.

Querem ver mais claro os seus damnosos intuitos? Precisam de que ella se desmascare para conhecerem aonde põem o fito das suas locubrações partidarias?

Desgosta-nos sobretudo ver que é uma parte do clero, desta classe respeitavel por tantos titulos, que se põe á frente da reacção, e a cobre com a sua sobrepeliz, que devia ser o symbolo da caridade evangelica, e a bandeira de paz no meio dos animos exaltados nos embates da politica.

Depois d'isto queixam-se de que o governo, a imprensa, e a opinião desconceitua o clero, e lhe não respeita os foros da sua missão sagrada! de que se diga que o clero abusa do pulpito para desafogar vis paixões! Não tem rasão. Não tem direito a queixar-se; é elle que dá logar e que até certo ponto justifica essas desattenções.

No seio dessa classe ha membros respeitaveis e dignos do nome de sacerdotes christãos; mas esses hão de reconhecer como nós, que é da sua propria classe que vem os maiores ataques á religião e são ainda esses que devem ser os primeiros a coarctar os abusos desproveitosos a todos.

A allocução feita por Pio IX no consistorio de 9 de junho, e a resposta dos bispos, que foram assistir á canonisação dos martyres do Japão, tem dado lugar aos mais diversos commentarios da parte da imprensa de todos os paizes.

A *Presse*, que, como se sabe, é um dos mais importantes jornaes parisienses, publicou um artigo sobre este objecto, no seu numero de 16 do corrente, assignado por M. Peyrat, seu principal redactor, o qual é digno de ser lido, por isso mesmo que este jornal tem ligações com o governo, que conserva em Roma um exercito de dez mil homens para sustentar a soberania temporal do papa.

Parece que a impiedade de não querer que o Vigario de Christo se envolva nas contendas originadas pelas paixões mundanas, vae tomando grandes proporções, e que começam a haver muitos impios que pretendem que o Supremo Pastor deve depurar a sua auctoridade pontificia, de tudo que pode prejudicar a sua missão conciliadora!

Vejamos como pensa M. Peyrat, cuja posição na alta politica europea deve permittir-lhe uma opinião mais segura sobre os negocios de Roma.

«Acabamos agora de receber, e tivemos a coragem de lêr até ao fim, a allocução pronunciada pelo papa no consistorio de 9 de Junho, no dia da canonisação dos martyres japonezes, e as respostas dos bispos ao seu discurso. Entendemos dever publicar a allocução sem lhe fazer nenhum commentario, porque não faria senão enfraquecer o effeito que elle deve produzir nos animos dos leitores imparciaes.

N'uma ceremonia de solemnidade calculada, o papa tem a palavra e dirige-se ao mundo catholico.

E' para exprimir sentimentos de paz, de caridade e de civilisação? Não. O chefe supremo de uma religião de desinteresse, não se occupa se não de politica e de interesses materiaes. Se elle se dirige ao sacerdocio, não é para lhe lembrar os seus deveres espirituaes, mas sim louvar aquelles que, esquecendo a sua missão, se tornaram os inimigos do seu paiz, para os fortalecer contra a independencia e unidade da Italia.

Os factos praticados pela vontade dos povos, são considerados como violações sacrilegas do direito. O papa-rei renega o povo; obstina-se a confundir em um só principio dois principios e dois interesses essencialmente distinctos: os interesses mundanos e os interesses espirituaes, o poder civil e a auctoridade sacerdotal.

A maior parte das grandes potencias reconheceram o reino de Italia. Roma escarnece essas potencias, e significa-lhes que a sua resistencia é infallivel. *Tudo ou nada*, esta é a sua divisa. Nem uma só palavra de paz, de concordia e de abnegação. A lingoagem da allocução é bem apropriada aos sentimentos que exprime. Os defensores da liberdade e da independencia dos povos são obreiros de fraudes e fabricantes de mentíras: elles destroem a sciencia; elles espalham venenos mortaes; elles favorecem uma licenciosidade desenfreada, a impudicicia delles não tem limites; elles sustentam dogmas perniciosos, a sua malvadez iguala a sua estupidez; elles atacam o céo e querem supprimir o proprio Deus; elles não vacilam ante qualquer meio de accumular riquezas para sustentar as suas depravadas paixões. Em consequencia disto o papa convida os bispos a impedirem aos seus fieis o lêrem os livros e os jornaes desses escriptores perniciosos, que acrescentam mentiras sobre mentiras, delirios sobre delirios.

Não ha em todo o mundo nenhum governo, nenhum partido, que não tema de se compromettter pelo emprego de um similhante vocabulario. Excessos destes, tanto no pensamento como na lingoagem, não excitam mais do que profunda piedade; por que elles só servem para affligirem todos os catholicos sinceros, todos aquelles que não teem feito da religião um instrumento de partido. Estes catholicos comprehenderam perfeitamente que não é com violencias similhantes, que o papado retomará o prestigio que perdeu, antes pelo contrario são a prova evidente da sua decadencia irremediavel.

A. Peyrat.

FOLHETIM

IMPRESSÕES DE VIAGEM

UM ANNO EM FLORENÇA

POR

A. DUMAS

TRAD. POR B. X. DE M.

(*Continuação do n.º 102*)

Neste tempo do meio da multidão se adiantou uma velha com as prophecias de Nostradamus, chamou a attenção, e leu esta centuria:

N'um bosque abençoado por santa penitente,
Com gósma na moéla a afflicta Rougiez
Ha de fartar-se d'agua com gran solás e gosto,
Será quarenta o anno, e fevereiro o mez. (*)

— Esta prophecia é clara como agua de rocha, disse o *maire*.

— E ella se cumprirá, redarguiu o architecto, eu fui o que me enganei.

— Ah! exclamou Rougiez triumphante, o erro não é da fonte!

— Não, disse o architecto, o erro foi meu; eu devia mandar abrir o cano em linha concava, e mandei-o abrir em linha concava. E' objecto de mais quatro ou cinco annos, e d'uns dez mil francos; depois temos a fonte a correr.

Era justamente o que Nostradamus prophetisára.

Rougiez em acto continuo, e no primeiro movimento d'enthusiasmo determinou logo uma nova contribuição.

Depois todas as aldêas com as rebecas á cabeça, e os machos atraz de si partiram para as fontes de San Geniés, onde outra vez começaram o baile, e ali os dansadores deram largas a uma orgia hydraulica digna da idade d'ouro.

Rougiez entretanto confiada na prophecia de Nostradamus conta com o anno 40. Agora já comprehendeis, meu charo, porque Rougiez deve estar furiosa por a recente fortuna de Cuges.

— Que tal?! Se comprehendo! Mas será certo que Cuges tem um lago?

— Pois que duvida?

— Porem um verdadeiro lago?

— Um lago verdadeiro. Certo que não é tão grande como o lago Ontario, ou o Leman; mas á fé que é um lago como o lado d'Enghien.

— Mas como aconteceu isso?

— Eu vos conto. Cuges está situada juncto a uma cavidade em forma de funil. Cahiu muita neve neste inverno, e muita chuva no verão. A neve e chuva reunidas formaram um lago. Ora parece que este lago se communicou a nascentes, que promettem alimentál-o. Os patos bravos que iam passando tomaram o caso a serio, e vieram poisar nas suas aguas. Mal que no lago appareceram patos, construiram-se botes para os caçar, assim que, meu charo, já se caça no lago de Cuges. E' verdade que ainda não se pesca, mas já está arrendada a pescaria do anno proximo futuro. Quando passardes por lá, reparai bem; olhai que nem lhe faltam os vapores da manhã e da tarde; — é um verdadeiro lago!

— Escutai, disse eu a Jadin, que entrava no quarto, carecemos d'um desenho de Cuges com o seu lago.

— Sereis servido, respondeu Jadin; mas o almoço?

— E' verdade; disse eu a Mery, — e o almoço?

— Tendes rasão, redarguiu este; o maldito lago de Cuges tinha-me transtornado a cabeça. O almoço está á vossa espera no castello d'If.

— E como hei de ir eu ao castello d'If?

— Pois não vol-o disse já?

— Ainda não.

— O diabo do lago de Cuges! é tudo por causa delle; mas effectivamente é um lago, meu charo amigo, palavra d'honra — um verdadeiro lago! — Ora bem; vós ides partir para o castello d'If n'um bonito escaler, que um dos nossos amigos vos empresta; um escaler de coberta corrida capaz de vos levar ás Indias.

— Onde está o escaler?

— No porto á vossa espera.

— Então vamos.

— Vamos?! — Ide vós.

— Como? — Pois não vindes comigo?

— Eu?! eu ir ao mar? disse Méry; eu não embarco nem no lago de Cuges.

— Méry, a hospitalidade exige que me acompanheis.

— Sei perfeitamente que não me está bem; mas que quereis?

— Quero uma indemnisação.

— Qual é?

— Uma poesia de cem versos em quanto vamos ao castello d'If. O assumpto — Marselha.

— Dusentos, se quiserdes.

— Está tractado.

— Ajustado.

— Ponderae que dentro em duas horas estamos de volta.

— Dentro em duas horas hão-de estar feitos os versos.

Concluido este contracto descemos ao porto. A todos os que encontrava dizia Méry: então já sabeis que ha um lago em Cuges?

E á fé que é um lago soberbo, respondiam os transeuntes; não se lhe pode achar fundo.

— Que vos dizia eu? repetia Méry.

No cáes d'Orleans estava um lindo escaler á nossa espera.

— Ahi tendes a vossa embarcação, nos disse Méry.

— E terei eu os meus versos?

— Na volta hão-de estar promptos.

Entrámos no escaler, os barqueiros arrimaram ao caes os remos, e deixámos a borda.

— Boa viagem, gritou Méry.

E partiu dizendo:

— E' notavel que aquelles diabos de Cuges tenham um lago!...

(*Continúa.*)

(*) Eis aqui o original.

Sous bois bénict de saincte pénitente,
Avec pépie et gehenne au gesier,
Rougiez bevra bonne eau en l'an quarante,
En grand soulas et liesse en février.

Damos em seguida o discurso pronunciado pelo sr. José Estevão, na sessão do dia 18 do corrente, sobre as obras da nova alfandega do Porto.

O sr. *José Estevão:* — São poucas as palavras que vou dizer; mas vou dizel-as com a consciencia de que ellas são precisas. Voto pelo artigo que se discute, assim como votei pelo parecer na generalidade; mas aproveito este momento para aventurar transitorias observações; são transitorias, e não duram mais que as palavras. A construcção da alfandega do Porto effectivamente sae muito mais cara do que devia sair. Não adoptando aquella construcção podia fazer-se uma alfandega no Porto um pouco mais barata; e se se tivesse procedido regularmente, como se devia proceder em assumptos d'esta ordem, não teria logar este debate, porque é bastante estranho, e não ha exemplo d'elle fóra d'aqui.

Estarmos constantemente a arguir engenheiros e todos os empregados em obras publicas, fallando em sommas superiores, não n'aquellas que estavam votadas, mas n'aquellas que cada um imagina, e tudo isto provém de se não mandarem fazer orçamentos, e de se proceder á feitura das obras sem o voto da camara estar sufficientemente illustrado. A prerogativa parlamentar a este respeito, se não está desconhecida completamente, está pelo menos sophismada. Pergunto: viu aqui alguem a planta da alfandega do Porto? Dou a minha palavra de honra de que a não vi; entretanto ha alguns srs. deputados que julgam que podem cumprir o seu mandato sem se lhes fornecerem esses papeis, e que aceitam a sua pecha de incapacidade para entender sobre estes assumptos. Eu declaro que não. Declaro que quando me elegeram, entendi que tinha luzes necessarias para decidir esses negocios, depois de me serem ministrados os elementos necessarios para isso.

Provavelmente não se fez orçamento, e porque se não fez? Porque se não podia fazer. É preciso saber as cousas e entendel-as. Não ha architectos entre nós, e o engenheiro não é architecto. Quando se manda um engenheiro encarregado de obras publicas, de obras hydraulicas e de caminhos de ferro fazer orçamentos e plantas de um grande edificio, não se póde esperar que esses orçamentos e plantas tenham o criterio necessario para se votar sobre elles. Mas a camara espanta-se? Pois não tem de que se espantar. Em paiz algum se faz isso, são cousas separadas. Em parte alguma se reunem estas habilitações, absolutamente nenhuma. Está-se persuadido que se economisa muito, que se economisa em acumular funcções incompativeis, e enganam-se. Pagam-se menos ordenados, não ha duvida, mas pagam no preço e custo das obras que se fazem sem se deverem fazer (*apoiados*).

O sr. Mousinho de Albuquerque é um homem intelligentissimo (*apoiados*) e honradissimo (*apoiados.*) Isso não se discute (*apoiados*). E' vicio das nossas cousas dar occasião a que haja estas discussões; o que não aconteceria se acaso tivessemos votado em presença dos orçamentos e plantas devidamente feitos. Tem sido um erro, mas esses erros hão de apreveitar alguma cousa.

A alfandega do Porto ainda que custasse 2.000:000$000 réis, o meu voto é que se acabe, porque é uma vergonha descurar negocios d'esta especie.

Em vez de fazer edificios, gastarmos dinheiro em pardieiros, é absurdo; e deixar pardieiros para as gerações futuras, como as gerações antigas nos legaram, não é admissivel.

A alfandega do Porto devia-se estudar melhor, e não se votarem as despezas sem se saber a quanto montavam, desde a primeira telha até ao ultimo prego. Assim é que se procede, e assim é que se administra, de outro modo é um mau serviço.

Para o serviço se fazer regularmente é preciso que haja quem o saiba fazer, e quem esteja completamente habilitado para isso. E quem é esse individuo? E' o architecto que estuda architectura desde os seus principios rudimentaes; não fallo do estudo da arte ornatoria, fallo do da construcção, da economia da construcção. Creio que alguem estudou n'este sentido, mas não estudou tudo. Não é censura a ninguem, é devido aos nossos defeitos, e no entanto é preciso que entremos nos bons costumes e nas boas regras.

Para as cousas se fazerem regularmente é preciso vir um ministro com todas as plantas do edificio, com todos os orçamentos, e entregal-os á commissão de obras publicas, ou a uma commissão especial para isso, porque é um assumpto de tal ordem que tres ou quatro pessoas especialmente encarregadas sabiam o que faziam, e davam o seu voto com conhecimento de causa. Diziam, por exemplo: «Aqui está a planta; custa tanto, leva tanto tempo a executar, este anno precisam-se 200:000$000 réis, para o outro anno outros 200:000$000 réis, e para o outro igual quantia». D'este modo votava-se uma somma por uma vez, gastando-se em cada anno o que fosse necessario até concluir a obra.

Ha de ser cara a alfandego do Porto, e hão de ser caras todas as construcções. E' negocio gravissimo, sobre o qual é preciso que entendam os poderes do estado, como podem entender, sem prejuizo dos interessess que repousam sobre o principio da propriedade.

E' necessario estudar este problema; qual é a rasão por que as construcções, principalmente nas duas grandes cidades do reino, são tão caras? Quaes são os meios, os recursos, o favor que se póde dar na legislação para diminuir o preço das construcções sem atacar os interesses de ninguem? E' este objecto grave, e não creio que esteja fóra da esphera da administração.

O habitar torna-se uma cousa difficilima, por que está n'uma desproporção extraordinaria com as nossas posses; e habitar com commodidade é ter saude, é ter força, é estar habilitado para trabalhar.

Principalmente em Lisboa não lhes digo o que ha. Se se fizer um inquerito sobre uma grande parte das habitações de Lisboa ha de ver-se que o seu estado é desanimador (*apoiados.*)

As pessoas de mediana fortuna já é difficil habitarem em Lisboa; aos obreiros ser-lhes-ha impossivel, dentro de pouco tempo, porque não ha casas para elles (*apoiados*). Não pensem que isto são inspirações de idéas socialistas. Não me importa que o digam, e só podem dizel-o aquelles que são insusceptiveis d'estas inspirações, mas que tambem o são de todas as outras.

Ha gente que não é socialista, porque não é capaz de ser cousa alguma, não pertence a adjectivo nenhum (*riso*), não entende doutrina alguma, nem tem zêlo nem crenças por nenhuma.

Não pensem tambem que é um desejo de imitação do que se faz em outros paizes.

Não quero que a administração vá construir casas por sua conta, nem desperdiçar dinheiro para prover a necessidades aliás attendiveis, mas que não podem ser attendidas por este modo; comtudo é este um assumpto digno de todos os nossos cuidados, e devemos por um conjunto de leis necessarias procurar reduzir, sem atacar os interesses de ninguem, o preço de todas as cousas que concorrem para a construcção.

Eu sei por informações solidas e auctorisadas, que o preço das construcções em Lisboa é um terço mais caro do que no Porto. D'onde vem esta differença? E' objecto para estudar. As differenças são palpaveis, mas não creio assim mesmo que aquellas que nós conhecemos possam explicar essa desproporção. Em Lisboa a pedra é mais barata, e ordinariamente tira-se da localidade onde se construe.

Mas esta profusão de cantaria, este luxo massudo das nossas construcções, são para mim extremamente reprovadas, porque não estão no gosto da architectura moderna, e são extremamente dispendiosas. Temos exemplos d'isto. Comparemos a escola polytechnica e o matadouro; vejamos qual d'estes edificios, que foram feitos para um certo e determinado destino, corresponde mais ao seu fim pela construcção que tem.

Na maior parte das nossas construcções ha uma massa enorme de pedra, e porque? Porque a pedra dá um testemunho do nosso amor proprio, testemunho barbaro.

Nós fazemos um edificio vastissimo, enorme, de fórmas aleijadas, de incongruencias clamorosas para o fim a que se destina, mas é de pedra, é da nossa pedra.

Temos noticia de outro edificio que não é de pedra, mas que é perfeitissimo, que é um typo em relação á sua disposição para o fim a que é destinado, e em relação á sua disposição architectonica dizemos — é magnifico, é bello; mas, acrescentâmos contristados, não é de pedra! (*Riso.*)

De modo que a pedra é o nosso principio de nacionalidade em materia de construcções. Pedra e mais pedra, despeza e mais despeza, e nenhuma belleza e sommas enormes!

Eu peço desculpa á camara de a ter entretido com isto, mas olhem que as causas deste mal são o nosso descuido em materias de administração, e o nosso desconcerto.

Se tudo quanto dissesse respeito á construcção da alfandega do Porto viesse ao parlamento, se dessemos um voto sabendo já como a construcção havia de ser feita, e sujeitando-a a uma certa e determinada despeza, não haveria que estranhar quando nos viessem pedir as medidas necessarias para realisar essa despeza, não tinhamos que censurar o engenheiro, porque elle faria as obras segundo o parlamento as tinha votado; e as obras feitas e estudadas como se pratica em toda a parte, não sahiriam tão caras. Tenho concluido.

Com a devida venia extractamos da *Politica Liberal* uma carta, que lhe foi remettida de Londres, que confirma plenamente as noticias que por mais de uma vez tem publicado aquelle jornal.

Eis a carta:

«A nossa exposição agricola é verdadeiramente excellente, e a primeira entre todas as que estão no palacio; só lhe são comparaveis as da Argelia, das colonias inglezas e da França. E' esta não só a minha opinião, que poderia ser taxada de parcial, senão a de muitos estrangeiros notaveis, os quaes me teem dito, com grande satisfação minha, que, de todas as nações da Europa a que nestes dez ultimos annos tem feito, relativamente, progressos mais rapidos é indubitavelmente Portugal.

Esta apreciação é devida á paz de que temos gosado; á liberdade que corrige os nossos defeitos, dá impulso á nossa actividade, e anima o espirito um pouco indolente do nosso paiz; e por ultimo aos cuidados que se teem dado á nossa agricultura. E neste ponto não posso deixar de memorar os emboras de que é merecedor o sr. Moraes Soares, pelo que contribuiu para o bom exito da nossa exposição agricola.

O instituto agricola, segundo me dizem, já tem uma medalha pela parte da exposição de trigos e milhos; das lãs nada sei ainda; em quanto ás sedas creio que já está votada uma medalha.

Só na secção dos productos agricolas vegetaes (cereaes, lugumes, fructos seccos, plantas forraginosas, etc.) tem já Portugal mais de 150 distincções, sendo 30 medalhas. Deve observar-se que aqui não ha senão uma qualidade de medalhas, não succede como nas anteriores exposições, em que havia mais d'uma classe de medalhas.

A nossa visinha Hespanha na mesma secção não obteve mais do que 20 medalhas.

A exposição como ahi se deve saber é geralmente rica e boa, mas o palacio está longe de ser uma perfeição; tem grandes defeitos, e muitos compartimentos de mais.

A exposição das machinas é admiravel; a das machinas agricolas não apresenta grandes novidades. A lavoira a vapor, que já vi fazer pelos systemas de Fowler e de Howard, é um problema muito adiantado, mas ainda não economicamente resolvido. A immensa superioridade do systema de Fowler é manifesta, pela disposição das ancoras a que se fixam os cabos, que puxam as charruas, e pela simplicidade da roda que fica por baixo da locomovel, e em que o cabo se enrola.

A memoria do sr. Lapa sobre os trigos portuguezes tem sido mdito apreciada; exemplares della param nas mãos dos srs. Barral, Boussingault, Lewson d'Edinburgo, do redactor do *Nort British Agriculturist*, e de mais alguns padres mestres da sciencia; e todos teem louvado o methodo e importancia do trabalho. E' de crer que se falle delle cá fóra com o merecido louvor.»

TRIBUNAES

Relação do Porto.

Sessão de 20 de junho.

Appellações civeis

Famalicão — D. Roza Joaquina de Moraes Sarmento e outros, contra Bento José da Rocha e mulher; juiz Oliveira Baptista, escrivão Albuquerque.

Porto — Manoel José d'Affonseca Amaral, contra Joaquim Tavares Gomes e mulher, juiz Vellozo, escrivão Cabral.

Porto — João Soares, contra os directores da companhia dos vinhos do Alto Douro; juiz Martins, escrivão Guimarães.

Vouzella — José Rodrigues Lourenço e mulher, contra Fernando d'Almeida e Silva Cerqueira e mulher; juiz Ribeiro Abranches, por impedimento Silva, escrivão Silva Pereira.

Famalicão — Anna Joaquina d'Almeida e marido, contra Joaquim Gonçalves e mulher; juiz Silveira Pinto, escrivão Albuquerque.

Barcellos — Fernando Antonio de Sequeira Villaça e mulher, contra Antonio Joaquim de Miranda e mulher; juiz Oliveira, por impedimento Pinto, escrivão Cabral.

Aggravos

Baião — Francisco Pereira e mulher, contra o Ministerio Publico; juiz Lopes, escrivão Silva Pereira.

Coimbra — Adolpho Ferreira de Loureiro, contra o juiz de direito; juiz Oliveira Baptista, escrivão Albuquerque.

Armamar — Luiz Antonio d'Azevedo e mulher, contra D. Maria Alexandrina de Loureiro Cardoso e marido; juiz Velloso, escrivão Cabral.

Guimarães — Rodrigo de Freitas de Sampayo dos Guimarães Coelho e mulher, contra D. Iguez Carolina de Castro e Freitas; juiz Martins, escrivão Guimarães.

Causas assignadas para o dia 28 de junho.

Barcellos — Gonçalo de Souza da Silva Alcoforado, contra Francisco de Souza da Silva Alcoforado e mulher.

EXTERIOR

Dos jornaes recebidos hontem extraimos o seguinte:

— Da «Correspondencia»:

«Belgrado, 17. — Depois da sanguinolenta luta, que houve em Belgrado, os soldados turcos retiraram-se para a fortaleza, d'onde principiaram a bombardear a cidade.»

«Saint Nazaire, 17. — Chegou a este porto o almirante Jurien de la Graviére.»

«Paris, 18. — O corpo legislativo votou por unanimidade o credito para attender á guerra do Mexico.»

«Turin, 17. — O sr. Ratazzi declarou, respondendo a uma interpellação, que é falso que a França tenha offerecido resolver a questão romana mediante a cessão da ilha de Sardenha.»

«Londres, 18. — Nova-York, 9. — Os federaes occuparam Memphis, depois de terem distruido a esquadrilha confederada.

Foram derrotados os federaes nos arredores de Charleston.

O general Fremont caiu em uma emboscada e soffreu muitas perdas.

Os federaes passaram o rio James, abaixo de Richmond.

Corre o boato de que o exercito de Beauregard está desorganisado.»

«Paris, 18. — Verificou-se a troca das ratificações dos convenios de presas e da divida. Foi entregue ao governo francez a totalidade dos titulos em reserva, no valor de 50 milhões, em quanto não chegam os novos.»

O ministerio de Hesse acha-se reconstruido, ou pelo menos terminada a missão do general de Loseberg.

Decidiu-se a seguinte combinação: guerra, o sr. de Loseberg; justiça o sr. de Vagnes; fazenda, o sr. de Zuschlag; reino, o sr. de Wregand; negocios estrangeiros, o sr. de Bischoffshausen. O sr. de Loseberg fica encarregado d'esta ultima pasta até que chegue o respectivo ministro.

Não é ainda conhecida a decisão do eleitor. O general Loseberg quiz apresentar-lhe a lista dos novos membros, porém não foi recebida.

— Da «Correspondencia»:

«Berlin, 17. — Diz a «Abelha do Norte» de S. Petersburgo que duas escolas de Somingo, onde os professores trataram de defender os incendiarios, foram fechadas por ordem do imperador.»

«Paris, 17. — O vapor «Floride» saiu hontem do porto de Saint Nazaire com as ultimas ordens do imperador para o exercito francez do Mexico. Leva a bordo cem marinheiros e muitos medicos militares, destinados ao corpo expedicionario. Este será reforçado, segundo a «Patrie», com 5000 homens e com 20000, segundo a «Independencia belga.

Annunciam de Mostar, que Dervich-pachá por falta de agua e provisões, teve que retirar-se a Villek. Os montenegrinos atacaram de novo Niksich, mas foram repellidos. Assegura-se que a França, Russia e a Austria estão a ponto de entender-se para propôr uma transacção á Turquia e ao Montenegro.

O principe Napoleão sairá para Londres no dia 25.»

«Turin, 17. — A camara decidiu quasi por unanimidade que se dirija uma manifestação a Victor Manoel protestando contra a mensagem dos bispos a sua santidade.

O presidente elegeu cinco deputados para que preparassem um projecto de redacção d'aquella.

Chiavone foi atacado no sabbado pelas tropas italianas, causando lhe grandes perdas.»

«Vienna, 18. — Treze servios e dois turcos foram mortos no ultimo conflicto. As tropas turcas que se retiraram para a cidadella insurreccionaram-se contra o pachá, porque lhes prohibira que se batessem, e n'este momento chegou a Vienna um telegramma annunciando que a fortaleza turca estava bombardeando Belgrado.

A «Gazeta do Danubio» contém um artigo desmentindo os pormenores insertos na imprensa de Vienna, que attribuiam a altos personagens um procedimento indigno das suas posições a respeito da candidatura do principe Maximiliano ao throno do Mexico.»

«Paris, 18. — Celebraram-se hoje nas Tulherias diversos conselhos de ministros, e um privado sob a presidencia do imperado.

Os ditos conselhos duraram largo tempo.»

«Semlin, 18. — Os subditos austricos fugiram de Belgrado por effeito do bonibardeamento. Este causou pouco damno.»

«Vienna, 18. — Um telegramma assegura que os servios tomaram a fortaleza de Belgrado contra os turcos, mas considera-se esta noticia pouco fidedigna.»

«Turin, 18. — A camara approvou a exposição dirigida ao rei, protestando contra a mensagem apresentada ao papa pelos prelados reunidos em Roma.»

«Berlin, 18, á tarde. — Celebrou-se um armisticio em Belgrado. Os serviços construiram-se numerosas barricadas. Chegaram muitos provincianos armados.»

«Paris, 19. — Os periodicos inglezes dizem que uma fragata chegada de Nova-York levára a noticia de que os francezes retrocederam para Vera-cruz, com grandes perdas; mas a «Patrie» d'esta tarde accrescenta a esta versão, que nada confirma noticia tão inverosimil e que os reforços enviados ao Mexico sobem a 12000 homens.»

«Turin, 19. — Chegou Garibaldi.

Em breve será autorisado na Lombardia o restabelecimento do tiro nacinal.

«Londres, 19. — Lord Russell, respondendo a uma interpellação de lord Malmesburg, negou que a Inglaterra abandonasse a França no Mexico, visto que, segundo os termos do convenio de Londres, só devia mandar soldados de marinha que se retiraram depois, porque não havia perigo algum imminente de conflicto com os mexicanos.

Lord Malmesburg declara-se satisfeito com estas explicações.»

«Bruxellas, 19. — S. M. o rei experimentou alguma melhora.»

A correspondencia de Napoles de 7 do corrente dá em resumo o seguinte:

«O principio deste mez foi marcado por uma nova tentativa dos bandoleiros *papalinos* sobre a fronteira napolitana. O chefe da expedição tinha sido tambem, como o costume, um estrangeiro, o conde Kalkreult, saxonio, que assignava as suas proclamações com o nome de conde Edwino. Capturado no dia 28 de maio com armas na mão e mais tres companheiros em Maranosa por dois valentes soldados do rei, foi no dia 29 fusilado com um dos seus, sendo entregues os outros dois ao poder judicial.

Os dois bandos que deviam obrar debaixo das suas ordens eram o do hespanhol Tristany e o de Chiavone. Effectivamente no dia 3 de junho Tristany com 200 daquelles foragidos conseguiu illudir a vigilancia das tropas francezas e invadir Sant'Olivia, aldeola da fronteira napolitana; mas felizmente só teve tempo de saquear a administração do tabaco, e foi-lhe mister escapar-se ao apparecimento do destacamento de Monticelli. Esse bando acossado pelos valentes guardas nacionaes e pelos destacamentos da fronteira viu-se forçado a tornar a passal-a no dia 4 em Stronglogallo.

A outra partida papalina em numero de 250 homens, guiada por Chiavone, tendo-se apresentado em Valle Caneto entre os Abbruzzos e a provincia da Terra di Lavoro, foi accommettida

e dispersada por um contingente do 44.º de Altina, deixando no terreno cinco mortos e alguns objectos de armamento e fardamento. D'ahi a dois dias dava-se caça a outros do mesmo troço em Settefrati, acudindo de muitas partes numerosos destacamentos de tropa; n'um dos recontros com esta proximo a Frondi foi morto Saccocci, salteador de Itri; e um despacho datado desta manhã (7) de Avezzano annuncia que muitos partidarios do Chiavone se apresentavam voluntariamente ao sub-prefeito de Muro.

Tinha-se esperado certa agitação das guerrilhas indigenas das provincias napolitanas para apoiar a tentativa do bando cosmopolita reunido na raia romana; porém não se verificou, o que confirma as noticias que vos tenho transmitido ácerca das insignificantes porporções dos actuaes restos dispersos daquellas partidas. Os tres refugios dos 128 bandoleiros indigenas, de que ha conhecimento são a selva de Lagopesole na Basilicata, a matta de Ferrara e Vetruscelli, no districto de Arriano, provincia de Avellino, e o bosque delle Grotte sobre o Fortore, na Capitanata. Na segunda destas paragens os bandos reunidos de Chiavone e Sacchitiello, compostos de sessenta salteadores, achavam-se hontem a uma milha de distancia de Zungoli.

A guerrilha do Fortore, de 28 individuos, commandada pelo Del Sambro, foi atacada antes de hontem junto a San-Nazario, na extremidade oriental do lago de Lesina, por uma companhia do regimento 49.º de linha e deixou no campo muitos feridos e tres cavallos; hontem ainda era perseguida.

Para vos completar a revista guerrilheira da semana resta-me dar-vos algumas informações sobre a batida dada hontem a Pilone, o bandoleiro da costa do Norte do Vesuvio. Uma patrulha da guarda nacional da povoação de San Giuseppe, entre Ottajano e Palmi, investiu ás sete da manhã conjunctamente com um destacamento do 7.º de linha de guarnição em Terzigno, a gente de Pilone, uns 30 homens; o recontro teve logar no sitio de Monticello, a tres milhas de Torre del Greco, durou o conflicto uma hora, seis guerrilheiros foram capturados, um ferido e um morto; a guarda nacional e os soldados não soffreram o mais leve perjuizo.

Em Napoles, os preços dos fundos na bolsa mantinham-se firmes, bem como os demais valores, o triumpho completo do ministerio no parlamento que acabava de ser conhecido de um modo mais explicito, produziu impressão favoravel.

O Vesuvio fez nova erupção; a montanha arroja lava para Pompeia e cinzas para o lado de Portici. A atmosphera da cidade está carregada de electricidade, symptoma ordinario das erupções vulcanicas.»

VARIEDADES

O agamis. — Trata-se de acclimatar em França o agamis, ave aquatica de bico curvo, que é de grande utilidade na vida domestica. E' curioso o que mr. de Tarade escreve ao presidente da sociedade de acclimatação em Paris, sabendo que elle procura propagar naquella capital estas interessantes aves.

O agamis procura de alguma sorte a sociedade do homem, e esta disposição natural é-lhe fatal e dá-lhe funestos resultados. E' sobrio e susceptivel de uma verdadeira educação como se demonstra pelo seguinte facto, que escreve mr. Tarade:

Ha 25 annos estava eu na cidade de Angers, em casa de um medico. Passeiavamos no pateo quando ouvi bater levemente a uma porta que dava para o campo. Como o medico pareceu não ouvir, disse-lhe eu:

—Batem a esta porta.

—Ah? respondeu elle, é Robin que conduz o seu rebanho.

Abriu a porta e eu vi desfilar vinte e tantos patos seguidos de uma ave negra.

O doutor fechou a porta.

—Então, lhe disse eu, e o pastor?

—O pastor, replicou elle, ahi está; é Robin.

—Robin!... gritou elle. E a pobre ave correu, espicaçou-lhe de leve os pés e espanejou-se toda, enchendo-me de admiração.

Ao jantar ficou aberta a porta da casa de jantar, e a interessante ave appareceu.

— Ah! disse elle, vens procurar um mimosinho? Pede o a este sr.

A amavel ave veio picar-me os pés e espanejar-se ante mim. Dei-lhe de comer. Ao fim de algum tempo disse-lhe:

—Vamos, já basta, vai-te embora.

A ave dirigiu-se para a porta, parou e vendo que não a acompanhavam desappareceu.

Assegurou-me o doutor que o mais intelligente pastor não cuidaria melhor do seu rebanho.

Taes são em resumo as qualidades do agamis.

O jardim zoologico já possue um que preenche perfeitamente as condicções de guarda de capoeira.

Uma resposta repentina.—Um dia que o imperador Carlos V andava com bastante trabalho, resultado de um ataque de gota, o conde Buren que o viu, não pôde conter o riso.

—De que vos rides? lhe perguntou o imperador.

— Senhor, accrescentou o conde, ao ver a incerteza dos vossos passos, me pareceu tambem que o imperio cocheia, ora de um pé, ora de outro.

— Pensae para outra vez com mais acerto, lhe disse Carlos V, sem esquecerdes que não são os pés, e sim a cabeça quem governa o estado.

Avarento original. — Refere um periodico madrileno o seguinte curioso facto.

Um avarento tinha medo de ladrões, e para os assustar de noite carecia de um cão. Mas o sustento e conservação do cão custavam-lhe dinheiro que elle não tinha animo para gastar. Que fazer em tal caso? Apprendeu a ladrar e durante a noite ladrava e uivava por vezes. Os ladrões assustados não se apresentaram, mas recebeu o aviso do arrecadador da contribuição sobre os cães para pagar a correspondente ao seu, tendo que satisfazer não só esta, mas uma mulcta por não haver dito que possuia tal bicho. Por onde se vem a concluir que um miseravel avarento é considerado um cão social.

NOTICIARIO

Caridade verdadeira. — (Da «Politica Liberal») Tem o asylo de S. João que registar um valioso donativo feito por alguns cavalheiros hebreus, na importancia de rs. 398$750 —

Esta é a verdadeira caridade — a caridade desinteressada, e do amor do proximo.

Ha algumas creanças abandonadas —ha algumas creaturas que soffrem; que importa a differença de religião onde clama o soffrimento?

Os dignos hebreus praticaram uma boa acção, vieram em soccorro das creancinhas. Agradeçam lh'o todos os que por ellas se interessam.

Foi descoberto. — Sobre o roubo feito na casa da Associação Industrial Portuense, e do qual demos noticia no nosso ultimo numero, foi finalmente descoberto o ladrão e todos os objectos roubados, devido tudo isto aos incansaveis esforços da auctoridade.

Eis o que diz o «Jornal do Porto»:

«O sr. governador civil incumbiu o sr. Amatuci, regedor de Santo Ildefonso, bem conhecido pelo seu zello e sagacidade, de fazer as deligencias necessarias para se descobrirem os criminosos.

Foram immediatamente prezos um tal Antonio Couto Monteiro, empregado na repartição da Associação, que em tempos foi regedor da freguezia da Sé, e um outro individuo José Teixeira dos Santos, por alcunha o Scisma, que vivia na casa da Associação em que se fizera o roubo.

As diligencias policiaes continuaram e por insinuações d'uma padeira, moradora em Miragaya junto da fonte da Colher, soube-se que esse tal Couto, em quem recahiam as desconfianças, havia alugado uma casa em Miragaya, contigua á em que morava a padeira.

Foi o sr. regedor de Santo Ildefonso dar uma busca á tal casa, e encontrou dentro d'uma gaveta d'uma meza de pinho uns pedaços de esmalte, que teve o cuidado de guardar.

Indagou da padeira o que julgou conveniente para esclarecimento da verdade, e levou a junta com outros moradores d'alli, á cadeia para reconhecerem o tal Couto. Não foi porém preciso empregar mais rodeios. O sr. Amatuci com os pedaços de esmalte que encontrára, e com a sua incontestavel astucia convenceu o homem de que já não duvidava ser elle o auctor do roubo, e conseguiu hontem de tarde que elle o confessasse, e dissesse onde se achava.

Com effeito hoje de manhã foi o roubo encontrado n'um cano da rua de D. Maria II, conforme a confissão do proprio roubador, dentro de dois saccos de linhagem. Desde hontem á noute estiveram constantemente vigiados por sentinelas os boeiros da rua, e o sr. Amatuci rondou toda a noute aquelles sitios acompanhado pelo seu cabo de ordens, até que chegou o dia e hora em que se fez a diligencia.

Não se sabe por ora ao certo quantos são os objectos que faltam.

E' geralmente reprovado o desleixo da commissão administrativa da Associação Industrial, por ter tão pouco acautelados os objectos de tanto valor, por que é responsavel. Uma associação que tantos valores devia ter um cofre seguro para os depositar. Agora aprendam com esta lição.

Ao sr. Amatuci cabem os merecidos elogios pelo incansavel zello, actividade e pericia, que desenvolveu n'esta pendencia.

Os objectos d'ouro encontrados são os seguintes:

55 cordões de differentes valores; 3 grilhões; 55 cadeias de relogios; 11 relogios; 7 medalhas; 1 gargantilha e cruz; 39 pulseiras; 1 peça d'ouro por acabar; 21 pares d'argolas diversas; 52 broches; 82 anneis; 12 corações; 48 pares de brincos; 3 fios de contas; 1 fio de perolas, 4 peças de ouro de 8:000 e um dobrão; 31 pares de cabecinhas diversas com diamantes; 15 cruzes; 16 botões de peito e de punhos; 5 alfinetes de manta; 2 chaves de relogios; 18 pequenas peças d'ouro; 4 pares de brincos com diamantes; 1 par de botões com diamantes; 5 alfinetes com diamantes.

32 colheres de prata para chá.»

Festa de Corpus Christi. — Esta eucharistica solemnidade, foi instituida (diz o «Diario do Povo») para dar a Christo particular culto no Santissimo Sacramento, pelo pontifice Urbano IV, no anno de 1264, o qual determinou que se ella celebrasse na primeira quinta-feira depois da festa da Santissima Trindade, havendo entretanto historiadores sagrados que affirmam, que antes de Urbano IV já o bispo de Liaga, na Allemanha, a instituira na sua diocese obtendo mais tarde para elle uma bulla particular, que por causa das guerras entre guelfos e gibellinos não chegou a ter effeito. No concilio celebrado em Vienna em 1311, sendo pontifice Clemente V, foi a bulla confirmada na presença dos reis de França, Inglaterra e Aragão, e publicada para todo o orbe catholico.

O papa João XX accrescentou-lhe o octavario, e ordenou a procissão publica. O officio que se resa no dia da festa foi composto pelo doutor em theologia Angelo de S. Thomaz.

Como, depois da batalha de Aljubarrota, os guerreiros portuguezes começaram a invocar nas batalhas o nome de S. Jorge, e o procuraram, como os inglezes, para seu defensor, começou a ir a sua imagem na procissão de «Corpus Christi», desde 1387, a cavallo «com muita compostura e brio (segundo diz Castro) representando um famoso general, armado de lança e adarga, acompanhado do alferes vestido de armas brancas, pagem da lança e uma pomposa comitiva de cavallos custosamente ajaezados e os melhores das pessoas reaes.—

Os pretos foram mandados ir na procissão, em memoria dos primeiros que vieram das Indias.

Para formar uma ideia exacta do esplendor desta solemnidade antigamente, basta lêrem-se as descripções, que della faz o sr. A. H. no *Monge de Cister* e no *Mestre Gil*.

Leilão de vinhos — Teve lugar no sabbado, diz o *Commercio do Porto*, o leilão da preciosa garrafeira do sr. Harris, chegando os vinhos a dar preços extraordinarios.

O leilão esteve muito concorrido sendo muito disputadas as primeiras qualidades.

Eis os preços a que chegaram as principaes qualidades:

Da novidade de 1820, puro, engarrafado ha 26 annos de 40$ a 50$100 a duzia de garrafas.

Da Madeira de mais de 30 annos a 35$100 a duzia.

Zimbro, de 1822 engarrafado em 1842 de 30$100 a 31$300.

Do Xerez recebido em 1840, e Colares muito velho a 27$100 a duzia.

Vinho igual a 10 pipas carregadas para o rei Guilherme IV a 27$000 a duzia.

Barca de 1820 engarrafado em 1826 a 26$000 a duzia.

De 1822 engarrafado em 1826 a 22$ e 23$000 a duzia.

Velho engarrafado ha mais de 40 annos a 24$100 a duzia.

De 1822 engarrafado em 1826 de 16$100 a 22$600 a duzia,

Secco engarrafado em 1842 a 20$000 a duzia,

De 1828 engarrafado em 1840 a 22$500 a duzia.

Cognac de 26$200 a 37$100 a duzia.

Monumento religioso. — Alguns cidadãos de Braga formaram o projecto de levantar no monte do Sameiro, proximo do Bom Jesus, um monumento em memoria da definição dogmatica da Immaculada Conceição de Maria, e para este fim já se acha constituida uma numerosa commissão, que vae tractar dos meios de levar a effeito este projecto.

O «Bracarense», dando esta noticia, diz o seguinte:

«Uma das bellezas que o sanctuario do Bom Jesus do Monte de Braga, offerece aos que o visitam, é sem duvida a encantadora perspectiva da paizagem, que daquelle sitio se disfructa, e que attrahe as admirações dos proprios estrangeiros. Poucas pessoas, porém, das que sobem áquelle sanctuario, saberão que com moderada fadiga, alongando mais o seu passeio, podem gozar uma vista muito mais dilatada em circulo, estendendo-se os olhos para a maior parte desta provincia, e alguns pontos das provincias limitrophes.

«E' no alto do monte do Sameiro, continuação do monte Espinho para o lado do meio dia. D'alli se avistam, alem de toda a cidade de Braga, a de Guimarães, a entrada da do Porto pela parte do norte, nella a igreja da Lapa e outros pontos, e ainda alguns na proximidade dos Carvalhos, o alto de Santa Luzia de Vianna, as villas de Barcellos, Villa do Conde, Santo Thyrso, os sanctuarios de Nossa Senhora do Porto d'Ave, do Pilar de Lanhoso, da Abbadia de Bouro, do Allivio, do Bom Despacho, do Bom Jesus de Barrozas, e de Santa Quiteria de Pombeiro, as serras do Marão, da Cabreira, do Gerez, d'Outeiro Maior, d'Arga e outras, e grande extensão de mar desde a altura de Vianna á barra do Porto.

«Um sitio tão vistoso e que não é de difficil accesso, suscitou a lembrança de um projecto, que, parece, merecerá a approvação de todas as pessoas que se interessam pelos melhoramentos religiosos e materiaes do nosso paiz. E' collocar nesta eminencia sobre elevado pedestal uma grande e magestosa estatua da Virgem Santissima com a invocação da Immaculada Conceição, na attitude de abençoar esta cidade e provincia, para servir de memoria ao grande e glorioso acontecimento da nossa epoca, a Definição Dogmatica deste Mysterio, á semelhança do que desde então se tem praticado em França, onde não sómente na cidade do Puy sobre a rocha Cornelia, se erigio a estatua collossal de bronze da Virgem Maria, mas em muitas outras partes se tem collocado nas eminencias dos montes ou collinas imagens da mesma Senhora.

«Se este pensamento poder ser levado a effeito, servirá essa obra monumental de testimunhar a dedicação e zelo dos Bracarenses, em geral dos portuguezes pelas glorias da Virgem Immaculada, padroeira deste reino e ao mesmo tempo de chamar a attenção para aquelle bello sitio, que ficará sendo uma prolongação recreativa do deleitavel passeio do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, donde não dista muito e por um caminho de pouca subida.

«Este projecto, concebido por alguns cidadãos de Braga, foi levado á presença do exm.º e revm.º sr. arcebispo primaz, o qual se dignou approval-o e auctorisal-o, tributando elogios á piedade e devoção dos seus authores. Com o fim de o pôr em execução reuniu-se uma numerosa commissão, que endereçando um convite geral aos portuguezes que se prezam de conversar os sentimentos, herdados de seus maiores, de devoção á Immaculada Virgem sua padroeira, espera que todos se prestarão a auxilial-os nesta religiosa e patriotica emprezo.»

Farol na margem direita do Guadiana. — A folha official publica a seguinte portaria do ministerio das obras publicas:

«S. M. el-rei, tendo ouvido o conselho das obras publicas e a commissão consultiva do ministerio da marinha, ha por bem ordenar que o director das obras publicas do districto de Faro proceda á construcção de um pharol na margem direita do rio Guadiana, proximo a Villa Real de Santo Antonio, no forte denominado —Medo Alto — em conformidade com o projecto datado de 27 de junho do anno passado e respectivo orçamento, importante em rs. 285$000 cumprindo porém que se dê maior altura ao mesmo farol, a qual será determinada pelo referido director, de accordo com o capitão do porto daquella villa.

Determina outro-sim o mesmo augusto senhor, que o farol seja construido por forma que a sua luz tenha maior intensidade do que a proposta; e que seja tão somente vista pelos navios quando deverem mudar de rumo dentro da barra, para poderem entrar no porto sem perigo de encalharem nos bancos ali existentes; e bem assim que seja remettido quanto antes a este ministerio, para os fins convenientes, o orçamento supplementar da despeza que haverá a fazer com as mencionadas alterações ao projecto, e com a construcção e assentamento da lanterna; na intelligencia de que deve haver duas, para se poderem substituir quando precisarem de concertos ou limpeza.

Finalmente, ordena S. M. que o mencionado director declare, com alguma antecedencia, em que dia ficará provavelmente prompto o dito farol, para se darem as providencias precisas para elle poder funccionar; e que por essa occasião remetta a descripção technica desta construcção, nos termos usados para objectos similhantes, a fim de se dar conhecimento aos navegantes, com a anticipação indispensavel, da existencia d'este farol, e da primeira noite em que será accendido.

O que tudo se communica, pelo ministerio das obras publicas, commercio e industria, ao director das obras publicas do districto de Faro, para seu conhecimento e devida execução.

Paço, em 17 de junho de 1862 = *Marquez de Loulé*. = Para o director das obras publicas do districto de Faro.»

O estado das vinhas em França. — Dizem de Wissemburg com data de 27 de maio ao *Courrier du Bas-Rhin*:

«Acabo de visitar o nosso districto vinicola, assim como o da Baviera rhenana, e posso assegurar-vos que, segundo dizem os lavradores mais edosos, ha bastantes annos que as vinhas se não apresentaram n'um tão bello estado e tão adiantadas no fim de maio. Estão effectivamente no ponto em que se não vêem habitualmente, mesmo nos bons annos, senão nos ultimos dias de junho. Já pelo meado de maio haviam vinhas, em boas exposições, que se apresentavam em florescencia. Se o principio de junho for quente e não houver algum transtôrno, a vinha deve estar completamente sem flor para o meado do mez. A alegria é geral. O preço dos vinhos mostra tendencia para baixa.

Os cereaes e fructos tambem estão muito bons e promettem muito.»

Tambem se lê no *Publicateur* de Beziers de 28 de maio.

«Todas as noticias que nos chegam das vinhas concordam em apresentar a colheita futura como uma das mais bellas com que a Providencia tem gratificado os proprietarios. Tudo vae optimamente até hoje: a florescencia opera-se nas melhores condições e ao abrigo de toda a má influencia. O proprio *oidium*, este implacavel inimigo da vinha, parece disposto a respeitar, este anno, a sua luxuriante vegetação; apenas se tem manifestado. Não é preciso mais para explicar a baixa rapida e continua dos preços.

Ermida a Santo Antonio. — (Do *Conservador*.) Referem-nos que para a Graça, em Lisboa, andavam alguns rapazes a pedir esmola para o Santo Antonio tendo já reunido algum dinheiro quando inspirados talvez pelo sonto tão seu protector se lembraram de comprar um oitavo da loteria de Hespanha a um cauteleiro que os offerecia n'uma loja.

— E em que havemos nós gastar tanto dinheiro, se nos sair algum dos premios? Perguntou um delles.

— Olha, fazemos uma capela ao Santo.

— Está dito.

O influxo do Santo á intenção dos pobres rapazes foi-lhes propicio, e o oitavo obteve um premio grande. Os bons dos rapazes ficis á sua promessa, resolvem-se a erigir-lhe uma ermida. Que sejam abençoados os seus votos, e que o Santo os case cedo e bem.

Botas a vapor. — Em Berlin acaba de ser exposta uma machina destinada a calçar em poucos dias a humanidade toda. Fabrica um par de botas perfeitissimas em menos de meia hora. A' vista desta invenção andar descalço torna-se um crime.

Posse. — Hontem tomou posse de commissario dos estudos e reitor do lyceu deste districto o nosso amigo e collega o sr. dr. Manoel Gonsalves de Figueiredo, para que foi nomeado por decreto de 5 do corrente.

Aguas sulphuricas. — Pessoas competentes indicam o apparecimento d'uma nascente d'agua sulphurica junto á ponte da Dobadoura, no alicerce que se anda escavando para a reedificação dos muros do caes d'esta cidade.

Dizem nos igualmente que não podem por em quanto ser sujeitas a uma tal ou qual analyse d'onde se reconheça a sua composição, em consequencia da mistura em que estão com a agua do caes.

Consta-nos tambem que em Ilhavo, nos fundamentos da nova ponte, apparecêra uma nascente similhante, e já hontem vimos uma garrafa d'agua que um curioso d'ali trouxe, que davam facilmente a conhecer as propriedades sulphorosas.

Doze d'Agosto. — Recebemos o 1.º n.º deste jornal e saudamos a reapparição do collega.

Sonda da barra. — Foi sondada no dia 25, acharam-se 3^{m},60 de profundidade na prai mar.

Assassinato. — No dia 23 á noite perto do arraial de S. João de Loure, teve logar uma desordem, de que resultou a morte para um individuo da Ponte Rata.

A justiça já tomou conhecimento do facto e procedo nas competentes averiguações.

Attenção. — No n.º 101 d'este jornal transcrevemos uma local do *Diario Mercantil* n.º 725 com a epigraphe de — *Porcios Caifás* —, na qual este estimavel collega dizia ao redactor e proprietario do outro jornal desta lacalidade «não vieram elles ahi em epoca bem recente cada um requerer a sua filiação?....»

Por esta occasião dicemos que o *Diario Mercantil* asseguraya o que cartas particulares nos asseveravam. As cartas a que nos referimos estão em nosso poder.

Hoje transcrevemos do n.º 729 do mesmo jornal o que abaixo se segue e chamamos para elle a attenção dos nossos leitores, e notem bem que o nosso collega diz «que ratifica com *a consciencia das provas e que tem a chave da porta por onde se querem esgueirar.*»

«*Rateficamos* — O *Campeão das Provincias* nega, e nós rateficamos, por que temos a consciencia das provas. Sabemos a porta por onde o collega se quer esgueirar, mas ha a chave para o não deixar sahir.

A redacção é anonyma, e em anonymos não se *repara*. Mas *aos conhecidos* é que mandamos a carapuça, porque *aos conhecidos* é que ella serve.

Conhecidos por informações; que *se o não são*, são *espiões ou traidores*, e Deus nos livre d'essa gente, e d'aquelles que a trazem ao centro da verdadeira luz.

Poderiamos confundir o estimavel collega, mas a materia não se discute aqui, e é ridiculo o fim para que se assoalha, e desacredita.

Acautele-se o povo, disse o collega e nós perguntamos—de quem, e porque? Responde-nos que dos ambiciosos que julgam todos os meios bons uma vez que os fins se consigam.

E' outra carapuça que serve a muita gente, que se não existira, outro gallo nos cantára.

Basta — e desculpe a *metafisica*.

Festividade. — A philarmonica de Vagos conjunctamente com alguns devotos festejaram ali, na terça-feira, o S. João. Houve na vespera fogo preso, fogueiras, e os demais divertimentos do costume; e no dia missa cantada na capella do mesmo Santo, no pinhal, e sermão de tarde, sendo recitado pelo joven orador o sr. padre João Mendes Esteves, que desempenhou a missão de que se encarregou, como era de esperar da sua continua applicação.

Tambem houve arraial em que abundavam as banzas e danças, concorrendo a elle, alem de muito povo, todas as madamas da terra.

Houveram conversas amatorias entre os *Manés* e *Marias*, o que deu logar a apparecerem no dia seguinte algumas covinhas no chão que os *Manés* faziam com seus bordões, no calor d'essas *conversas*, em quanto as *Marias* se entretinham tirando bocadinhos de casca aos pinheiros.

Vejam e admirem — Transcrevemos dos nossos collegas o *Viriato* e *Jornal do Porto* as noticias a que allude um dos artigos da primeira pagina, deste numero.

Eis o que diz o *Viriato:*

«*Procissão*, — Na quinta-feira sahiu da cathedral a procissão do Corpo de Deus. Foi feita com toda a solemnidade e magnificencia do costume.

Acompanhava o prestito o regimento n.º 14, que se apresentou em força, e no maior aceio, dando as trez descargas do estylo.

Fazia a guarda d'honra a S. Jorge um destacamento de cavallaria 8. Não deixaremos de mencionar o aceio, a disciplina, e excellente educação das praças do mesmo destacamento.

A concurrencia foi muita, não obstante não ser nem um terço da que seria se a procissão sahisse de manhã como d'antes.

Houve um escandalo, em que reparou muita gente boa. Alguns ecclesiasticos, não sabemos a razão, quando estavam já preparados para acompanhar a procissão, sahiram da Sé.

Attribuiu alguem este procedimento insolito e inexperado a escrupulos pelo contacto com o sr. vigario capitular ! ! !

Custa-nos bem a crer, que a ignorancia e a hypocrisia tenham tamanha audacia: mas é um facto.

Estas almas meticulosas não nos darão a razão de tanto escrupulo?

Não estará canonicamente provida a vigairaria capitular?

Não resignou o individuo, que fora primeiro nomeado pelo cabido?

Não procedeu o cabido a nova eleição, depois d'aquella resignação, cahindo a maioria de votos n'um cavalheiro respeitavel pelos seus conhecimentos, pelas suas virtudes, e por muitos outros titulos?

Não estão em contacto com o sr. vigario capitular os ecclesiasticos de mais illustração do bispado?

Este procedimento inqualificavel de alguns, ainda que poucos, ecclesiasticos é de uma audacia intoleravel. Nas circunstancias em que se acha o paiz, longe de fazer bem ao partido clerical esta intempestiva demonstração, faz-lhe mal. Pelo menos nós intendemol o assim.

Deploramos tamanha cegueira, e ainda mais as consequencias, que lhe são inevitaveis.

Respeitamos os foros da consciencia alheia; o que porém não podemos deixar de deplorar é o abuso de demonstrações publicas que podiam e deviam ter-se evitado.»

Agora ouçamos o que diz o *Jornal do Porto*:

«*Suspensão*— Pelo digno vigario capitular d'esta diocese foi suspendido de prégar o abbade de S. Salvador de Figueiras, do concelho de Louzada, por ter proferido no pulpito, contra o governo do estado, phrases tão sediciosas como improprias da cadeira evangelica.

Não estão sendo raros infelizmente os casos, que demandam a mais séria attenção da auctoridade ecclesiastica sobre os que assim desvirtuam a sancta missão, que lhes está confiada.

Eis tambem o que se nos escreve, sobre o assumpto, d'uma das freguezias do districto de Braga:

«Por aqui ha socego, porém o clero está empregando todos os exforços para o transtornar; não cessa de clamar, já nas praças, já nos templos contra o governo, alcunhando-o, e bem assim toda a familia liberal, de maçonicos, e pedreiros livres, e estas gritarias fazem um terrivel effeito no povo rustico: creio que o governador civil do districto vai mandar processar um abbade, meu vizinho, por um abuzo praticado na cadeira da verdade—este *exemplar* pastor teve a imprudencia de dizer, revestido de sobrepeliz e estola, aos seus freguezes, que se o evangelho mandava obedecer ao governo, elle entendia comtudo, que ao actual se lhe não deveria obedecer, porque era o governo mais herege que tem conhecido, e por isso merecedor de cruenta guerra!

«Ha testemunhas que deporão isto mesmo no summario.»

E escandalisaram-se ahi, quando ouviram fallar dos que uzam e abuzam do pulpito! »

CORREIO

LISBOA 25 DE JUNHO

(Do nosso correspondente.)

Amigos.

A população de Lisboa descansa ainda dos folgares da noite de S. João. A praça da Figueira, o Passeio Publico, a Lage, os theatros, o circo Price e as Hortas foram as differentes estações por onde se repartiu hontem esta boa gente *alfacinha*, conforme os habitos, indoles e o temporamento de cada um.

A alta burguezia, a sociedade aristocratica, as *bas bleus*, o janota *pur sang*, os ministros honorarios povoavam o Passeio Publico.

Um pensava no modo de conservar por mais tempo engomada a calça de cutim alvadio, que merecera uma expressão provocante da viuva de um banqueiro; aquelles cuidavam em não deixar cahir da *boutonière* o cravo escarlate, que, pertencera ao *bouquet* da esposa de um par; esta contava as folhas do platano que lhe ficava fronteiro, evitándo responder ás gordas, mas affectuosas expressões de um deputado minhôto; aquella mandava uma saudade na briza tepida desta noite tropical á irmã Rafaela, que os *selvagens* e os *herejes* desterraram do asylo que s. ex.ª protegia. E nestes e outros praseres innocentissimos, nestes e outros cuidados importantes passou a noite de S. João o *monde* lisbonense.

Na praça da Figueira estava o povo, o artista, o operario, a costureira, a criada de servir em disponabilidade, as filhas do empregado do alpendre do pescado, a esposa do amanuense, a mãe e a irmã do piloto, o caixeiro da tenda e da loja de ferragem. Compraram-se alcachofras, palmitos de ginjas, maçarocas de alfazema, ouviam-se os *descantes* dos *Manéis*, viam-se os *bailaricos* das *Marias*, e no tumulto e no apertão, lá se furtava um beijo, lá se passava uma carta e se apertava um dedo, e tudo ria e tudo folgava e tudo cantava louvores ao sr. S. João, patrôno dos bons maridos e dos fieis namorados na melhor harmonia e na mais perfeita fraternidade.

No circo de Price a atmosphera era mais quente, mas as conversações, os *toiletes* e os episodios eram mais *frescos*. As bachantes, a rapasiada da baixa, os deputados da opposição, as *corifêus* de S. Carlos, os litteratos d'agua doce, os estudantes dos lyceus e os *homens serios*, dançavam, riam, suavam, bebiam e amavam tudo á vontade, tudo a correr, tudo até a saciedade.

A Lage era a estação das janotas do 3.º andar dos arruamentos, das suas mamãs, titias e competentes *chichisbeos*.

Nas hortas os deputados dissidentes do *antigo portuguez defensor do throno e do altar*, comiam e bebiam em honra da santa religião e do infeliz proscripto. O resto da população dormia abafada nos theatros ou abafava a dormir em suas casas.

Hoje o dia está sombrio, quente e pouco convidativo ao trabalho.

— A politica continua no mesmo estado. A opposição empenha-se cada vez mais em sustentar o ministerio, desacreditando-se a si. A *Revolução* já não é lida senão pelos escriptores de officio, que são obrigados a saber o que ella diz. Se o sr. Casal Ribeiro não tomar conta da empreza e não quizer pagar do seu bolsinho os prejuizos do jornal, creio que a tal *Revolução* dá este anno o seu ultimo suspiro, deixando seus unicos herdeiros o *Conservador e a Nação*. Affirma-se que ao *Conservador* pertencerá a mobilia, ficando a *Nação* com o pessoal da redacção.

— Oiço dizer que o governo se occuppa neste momento de nomear trinta ou quarenta pares novos, mas que encontra grandes difficuldades, porque não ha homens de verdadeira respeitabilidade e principios politicos verdadeiramente liberaes e progressistas, que acceitem um logar na camara heriditaria, senão com a intenção de votar a sua reforma.

— O sr. Antonio José d'Avila continua a ser o mais intoleravel pedante que passeia pela superficie da terra. Até o *Portuguez* já o não pode aturar. Em uma das ultimas sessões da camara dos pares, o estadista ilhéu atirou-se ao *Portuguez* e descompôl-o, por que este jornal tem ultimamente combatido a actual organisação da camara alta. E' bem feito que isto aconteça ao *Portuguez*, porque elle foi uma das causas que mais concorreram para que o sr. Avila voltasse outrá vez para a administração dos negocios, quando o paiz todo o tinha condemnado ao ostracismo do poder conjunctamente com o sr. conde de Thomar. Em quanto o partido popular se não desenganar por uma vez de que tem em si caracteres muito dignos e muito habeis para exercer todos os cargos da republica, e for buscar medalhões aos partidos decrepitos, a influencia nefasta dos Avilas e quejandos não acaba.

Nunca pude comprehender a rasão por que neste paiz se tem feito tanta guerra ao sr. conde de Thomar, poupando-se sempre o sr. Antonio José d'Avila! Como homens publicos entendo que tanto vale um como o outro; que a honra, probidade e illustração de ambos é a mesma; e que o sr. Avila só leva vantagem ao sr. conde de Thomar n'aquillo em que a leva a toda a gente— em ser insolente, vaidoso e grosseiro.

—Corre o boato de que S. M. o senhor D. Luiz 1.º irá visitar a cidade do Porto antes do seu casamento. Ha até quem affirme que S. M. partirá de Lisboa mui brevemente, porque deseja assistir á inauguração do monumento que os habitantes do Porto vão levantar á memoria do senhor D. Pedro 4.º Não sei o fundamento que teem estes boatos, nem o que ha de positivo em tudo isto.

—Ainda se não sabe officialmente quem será a futura rainha de Portugal, mas a esperança publica e os ardentes desejos do partido popular, fazem continuar as suspeitas de que será a filha do rei bem amado do povo italiano a que occupará o thalamo do rei bem amado do povo portuguez.

Adeus

Vosso

F. O.

MOVIMENTO DA BARRA

Aveiro 24 de junho

Entradas

ESPOZENDE. = Hiate port. «Nascimento Feliz», m. J. P. de C. Junior, 8 pes. de trip., lastro.

PORTO. = Chalupa port. «Feliz Lembrança», m. M. G. Faria, 7 pes. de trip., ferro á empreza Salamanca.

LIVERPOOL. = Escuna ingleza «Volante of London», cap. T. Ennew, 6 pes. de trip., carvão, e Machinas á empreza Salamanca.

Sahidas

PORTO = Hiate port. «Novo Atrevido», m. M. Marques, 7 pes. de trip. sal.

IDEM. = Hiate port. «Nova União», m. J. F. Manno, 7 pes. de trip, sal.

VILLA DO CONDE. = Hiate port. «Conceição Feliz», m. F. d'Oliveira, 7 pes. de trip., sal.

PORTO. = Hiate port. «Lialdade», m. M. A. Levre, 9 pes. de trip. sal.

IDEM. = Hiate port. «E' Segredo», m. A. N. Ramizote, 7 pes. de trip.. sal.

IDEM. = Hiate port. «Deus-Sobre-Tudo», m. J. S. Ré 7 pes. de trip., sal.

IDEM. = Hiate port. «Cruz 2.º», m. J. da Rocha, 8 pes. de trip., sal.

ESPOZENDE = Cahique port. «Perola do Vouga», m. M. Vicente, 7 pes. de trip., sal.

PORTO = Bateira port. «Olho Vivo», m. D. d'Angelica, 5 pes. de trip., sal.

IDEM = Rasca port. «Victoria», m. L. da Silva, 11 pes. de trip., sal.

Em 25

PORTO = Rasca port. «Correio d'Aveiro m. J. Simões, 10 pes. de trip., sal.

ALICANTE = Hiate port. «Independente», m. J. J. Coelho, 9 pes. de trip. madeira.

PORTO = Hiate port. «Tricana», m. A. J. Serrão, 9 pes. de trip., sal.

IDEM = Hiate port. «Cruz 3.º», m. J. Amaro, 9 pes. de trip., sal.

IDEM = Hiate port. «Santa Cruz», m. A. d'A. Laborinho, 8 pes. de trip., sal.

SUANSEA = Hiate port. «Venturoso», m. A. F. Plicas, 8 pes. de trip., madeira.

PORTO = Hiate port. «Rasoilo 1.º», m. J. Rasoilo, 7 pes. de trip., sal.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escrivão Nogueira, em inventario a que se procedeu por fallecimento de José Dias do Padre, o Velho, d'esta cidade, de commum accordo com os interessados maiores, e do doutor curador geral, vai á praça para ser arrematada uma morada de casas altas com seu armazem, e quintal sitas na rua do Caes Novo, com frente para a rua do Sol, pela parte do Norte, e Sul com a rua do Forno, avaliadas em 150$000, e por isso quem quizer lançar nas ditas casas o poderá fazer no dia 29 do corrente ás 10 horas da manhã nas salas do tribunal judicial perante o doutor juiz de direito desta comarca podendo ser arrematadas as mesmas casas em duas partes conforme melhor convier aos enteressados e arrematantes.

Pelo cartorio do escrivão Gusmão, do juizo de direito da comarca desta cidade de Aveiro, e no inventario por morte de Manuel da Costa Basto, a requerimento de João José Pereira Guimarães, desta mesma cidade, como herdeiro beneficiado do referido fallecido, correm editos de 30 dias, a chamar e citar todos os credores certos ou incertos, e quaesquer pessoas que se julguem com direito á herança do mesmo, para depois daquelle praso comparecerem na segunda audiencia, a qual ha de ser no dia 17 de julho proximo futuro pelas 9 horas da manhã no tribunal de justiça desta cidade, a fim de se louvarem, com o requerente em louvados que avaliarem os bens da mesma eran-ça, e bem assim para todos os mais termos do dito inventario e tudo com a pena de revelia.

Aveiro 12 de junho de 1862.

Pela direcção das obras publicas do districto d'Aveiro se faz publico que no dia 6 do proximo mez de julho se ha de arrematar a construcção do lanço d'estrada comprehendido entre a povoação de soutello e a d'Albergaria a Nova, na extensão de 782^{m},1. A arrematação terá logar no dia mencionado das 10 horas da manhã ás 3 da tarde no edificio da secretaria das obras publicas do districto, onde se acharão patentes no mesmo acto os desenhos do projecto, e caderno d'encargos relativos ás obras do referido lanço.

Aveiro 13 de junho de 1862.

S. A. P. da Silva.

Engenheiro director.

O JUDEU ERRANTE

E

OS MYSTERIOS DE PARIZ

(EDIÇÃO PORTUENSE)

Tendo-se exgotado a 1.ª edição d'estes dois populares e mui interessantes romances, que por si só bastaram para exalçar a reputação de *Eugenio Sue*, um dos vultos mais salientes na litteratura franceza; e havendo nós obtido authorisação de seus illustres traductores e publicadores para os reimprimir em 2.ª edição, vamos tentar esta empreza, esperando encontrar no favor publico o valioso auxilio e protecção que ella carece para a sua realisação.

A publicação far-se-ha em pequenos volumes, distribuindo-se um ou dois por mez, a fim de se tornar mais facil a sua impressão, e ao mesmo tempo mais commoda aos srs. assignantes a sua acquisição, pela modicidade do preço.

O formato será identico ao da *Bibliotheca das Damas*, e cada volume não conterá menos de seis folhas d'impressão, ou 96 paginas.

A traducção é esmerada, circumstancia valiosa, e pouco vulgar em publicações d'esta ordem.

Preço de cada volume 120 réis, *pagos no acto da entrega*

RESPONSAVEL:—*M. C. da Silveira Pimentel*

Typ. do Districto de Aveiro.